

Características sócio-culturais das atletas de elite do handebol brasileiro no ano de 2000

Socio-cultural characteristics of the top athletes of the Brazilian handball in the year 2000

Jorge Dorfman Knijnik¹,
Antonio Carlos Simões²

Resumo

[1] Knijnik, J.D., Simões, A.C. Características sócio-culturais das atletas de elite do handebol brasileiro no ano de 2000. Rev. Bras. Ciên. e Mov. 10 (2): 63-70, 2002.

Este estudo apresenta os dados relativos à algumas variáveis sócio-culturais das atletas de handebol de alto nível, que disputaram os principais campeonatos do Brasil na modalidade, no ano de 2000. Considerando que a presença da mulher nunca foi tão grande nos diversos setores da sociedade, o estudo busca alavancar e trazer à tona dados para o conhecimento sobre a mulher num dos setores da sociedade brasileira, no qual ela mais tem marcado presença: o esporte de competição. Participaram desta pesquisa 156 atletas de handebol de alto rendimento, com média de idade de 20,26 anos (min=14, max=33, dp=4,23), pertencentes a equipes que competiram no Campeonato Brasileiro Júnior Feminino de Handebol de 2000 (até 20 anos) ou atletas das equipes que disputaram a Copa do Brasil Feminina de Handebol de 2000 (categoria adulta).

PALAVRAS-CHAVE: mulher, atleta, handebol.

Abstract

[2] Knijnik, J.D., Simões, A.C. Socio-cultural characteristics of the top athletes of the Brazilian handball in the year 2000. Rev. Bras. Ciên. e Mov. 10 (2): 63-70, 2002.

This study presents the relative data to some socio-cultural characteristics of high level athletes of handball, that disputed the main championships of Brazil, in the year 2000. Considering that women participate less in several sections of the society, the study is an opportunity to search for knowledge on women in an of the sections of the Brazilian society in which their presence have been deeply marked: sport competition. Some 156 top athletes of handball have participated in this research. They were, in average, 20,26 years-old (min=14, max=33, sd=4,23), belonging to teams that participated in the Brazilian 2000 Feminine Junior Championship of Handball (up to 20 years), or athletes of the teams that disputed the Feminine 2000 Brazil Cup of Handball (adult category).

KEYWORDS: women, athlete, handball.

Rua Comendador Miguel Calfat, 206 apto 16
São Paulo/SP
04537-080
jorgedk@uol.com.br

1 Faculdade de Educação Física da Universidade Presbiteriana Mackenzie - Escola de Educação Física e Esporte da USP- Laboratório de Psicossociologia do Esporte - "LAPSE- GEPPSE"
2 Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo- Laboratório de Psicossociologia do Esporte - "LAPSE- GEPPSE"

1. Introdução

A presença feminina em nossa sociedade é crescente e incontestável. A mulher ocupa hoje diversos postos no mercado de trabalho, cargos diretivos, políticos e executivos. Em uma edição recente (8/11/2000), a revista *Veja*, uma das maiores do Brasil, afirmava em sua capa que “*elas venceram*”, e ilustrava a reportagem com uma série de perfis de mulheres vencedoras no mercado de trabalho.

No meio esportivo, isto não podia ser diferente. Se nos primórdios do esporte moderno, à mulher cabia apenas entregar os louros aos vencedores - era esta a visão e a afirmação dos criadores dos Jogos Olímpicos da era moderna, notadamente do primeiro presidente do Comitê Olímpico Internacional, o Barão de Coubertin -, na atualidade esta situação mudou radicalmente. Tanto é verdade, que os últimos Jogos Olímpicos de Verão (Sidney/2000) foram considerados os “Jogos das Mulheres”, inclusive pelo COI

Como já afirmado acima, nos primeiros Jogos Olímpicos da era moderna (Atenas/1896) não houve a presença de mulheres atletas; já em Sidney/2000, elas foram 39% do total de atletas competidores - ou aproximadamente 4000, para 6220 homens. A delegação brasileira, que na Austrália prestou uma homenagem as suas atletas, colocando Sandra Pires, jogadora de voleibol de praia, para carregar a bandeira do Brasil no desfile de abertura da nossa delegação, no estádio olímpico, também conta cada vez mais com mulheres em suas fileiras de atletas - em 2000, elas já somavam 46% de nossa delegação (94 para 110 homens)

Este aumento estrondoso da participação feminina no esporte gera uma demanda de conhecimento científico - é necessário pesquisar todas as características das atletas, em todos os níveis, sejam sociais, culturais, psicológicos, biológicos. Com uma maior compreensão da atleta brasileira, melhores serão as condições para a elaboração da preparação destas, o que sem dúvida contribuirá para a busca de resultados positivos no esporte de alto nível feminino.

2. Objetivos

No sentido de ampliar o conhecimento sobre as atletas brasileiras de alto rendimento, este estudo traçou os seguintes objetivos:

Objetivo geral

Estudar o perfil sócio-cultural de atletas mulheres de alto nível no Brasil

Objetivo específico

Estudar o perfil sócio-cultural das atletas de handebol de categorias júnior e adulto, no Brasil.

3. Amostra

Participaram deste estudo 156 atletas de handebol de alto rendimento, com média de idade de 20,26 anos (mín=14, máx=33, dp=4,23), pertencentes a equipes que competiram no Campeonato Brasileiro Júnior Feminino de Handebol de 2000 (até 20 anos) ou atletas das equipes que disputaram a Copa do Brasil Feminina de Handebol de 2000 (categoria adulta). Estas equipes são provenientes de cidades do Estado de São Paulo (Guarulhos, Jundiaí, São Bernardo do Campo), do Estado do Rio de Janeiro (São Gonçalo, Rio de Janeiro), de Brasília (DF) e do Estado de Santa Catarina (Blumenau).

4. Metodologia

4.1 Coleta de dados

Os dados foram coletados durante duas das mais importantes competições femininas de handebol no Brasil:

A Copa do Brasil do ano de 2000, a segunda competição mais importante do país na categoria adulta feminina, que reúne as 08 melhores equipes do Brasil;

O Campeonato Brasileiro Júnior de 2000, o qual congrega as 08 melhores equipes da categoria (18-20 anos) no país.

4.2 Instrumento

O instrumento utilizado neste estudo foi um questionário com perguntas abertas e fechadas, que compunha a primeira das duas partes do inventário denominado “Imagem corporal das atletas de handebol de alto nível”³, elaborado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicossociologia do Esporte (GEPPSE/EEFEUSP) e baseado e adaptado de um método já existente, o “DOUDLAH BODY - IMAGE STATEMENTS” (DOUDLAH, 1962). Esta primeira parte deste inventário visa a conhecer alguns aspectos sócio-culturais e esportivos da vida das atletas, tais como escolarização, estado civil, idade, tempo de prática, níveis de competição, entre outros.

3 Os dados referentes a segunda parte do questionário, bem como a sua análise completa, encontram-se no seguinte trabalho: KNIJNIK, J. D. **Ser é ser percebido: uma radiografia da imagem corporal das atletas de handebol de alto nível no Brasil**. São Paulo, 2001, 109 p. Dissertação (Mestrado). Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo.

4.3 Procedimento

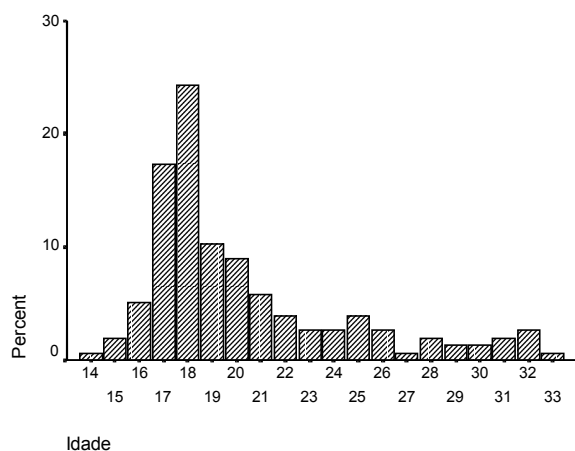
Anteriormente à aplicação do inventário nos sujeitos da amostra, houve a sua aplicação em duas equipes (que não fizeram parte desta amostra), cada qual com 20 atletas, como caráter exploratório, de modo a verificar o tempo de aplicação do mesmo, bem como possíveis dúvidas no seu preenchimento.

Posteriormente a essa aplicação, houve um estudo piloto com a participação de 30 atletas de alto rendimento, com média de idade de 21 anos, as quais fazem parte desta amostra.

Ainda, na utilização do instrumento, foram tomadas as seguintes providências metodológicas:

- apresentação da proposta à comissão técnica, para expor o objetivo do trabalho;
- a aplicação ocorreu ou durante treinamentos preparatórios para as competições ou na própria semana das competições, em momentos de folga das atletas, e nenhum questionário foi invalidado;
- exposição e explicação detalhada do modo de preencher o questionário, sendo que a coleta de dados foi pessoalmente realizada pelos autores.

FIGURA 1: Distribuição da amostra (%) por idade cronológica



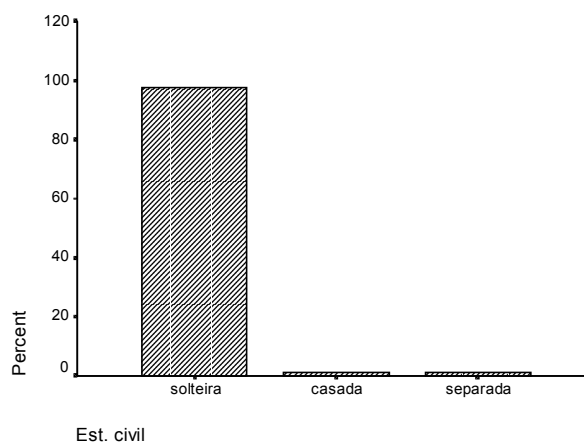
A esmagadora maioria desta amostra (97,4%) é composta por atletas solteiras; são 152 solteiras, duas casadas (1,3%) e duas separadas (1,3%). Poderíamos inferir que a prática esportiva em alto nível de competição prejudica a vida amorosa; porém, se levarmos em consideração o dado anterior, referente à idade cronológica que o grupo apresenta (uma faixa etária bem jovem, com média de 20,26 e a maior parte (61%) delas com idades entre 17 e 20 anos, dificilmente poderíamos tecer tal afirmação peremptoriamente. Provavelmente, o grupo, por ser jovem, está “ainda” numa situação de “solteirice”.

5. Resultados e discussão

Como mencionado acima, a faixa etária desta amostra possui uma grande extensão, indo de 14 até 33 anos, com média de 20,26 ($dp=4,23$). A maior parte das atletas (95, ou 61%) possui entre 17 e 20 anos (ou seja, têm idade de atletas juvenis e juniores; com idade acima de 20 anos, (isto é, idade para competir apenas na categoria adulta), encontramos 49 atletas (31,4% da amostra total). Se por um lado a ‘juventude’ da amostra é dada pelo fato da pesquisa ter sido realizada em equipes juniores, que utilizam atletas de categorias menores (juvenis, cadetes e, neste caso, até de uma infantil, aquela única de 14 anos), podemos perceber que mesmo as equipes adultas são formadas por muitas atletas de categorias menores, juniores e juvenis - uma das equipes pesquisadas, que disputou a Copa do Brasil adulta, possuía apenas uma atleta acima de 20 anos - o que evidencia que o handebol feminino de alto nível no Brasil vem sendo disputado por atletas jovens.

Encontramos também apenas oito jogadoras (5,1% do total) com mais de 30 anos; em países em que a prática do handebol feminino é mais ampla, jogadoras acima de 30 anos são um fato bastante comum.

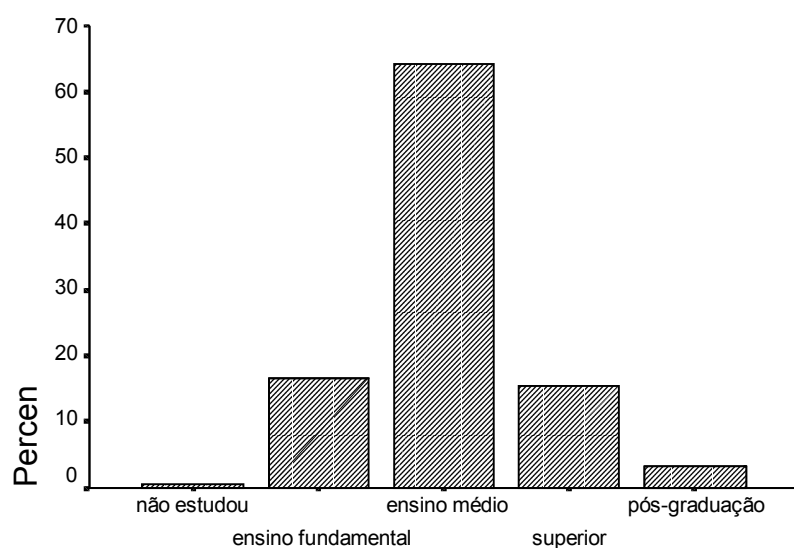
FIGURA 2: Distribuição da amostra (%) por estado civil



O dado seguinte é referente à questão “qual o grau mais elevado de escolaridade que você completou?”. Podemos perceber que temos uma amostra com um bom grau de escolarização, em face da média da população brasileira⁴. Há 100 atletas (64,1% da amostra) com, no mínimo, o ensino médio completo; outras 24 (15,4%) com o curso superior completo e temos, ainda, cinco atletas (3,2%) com pós-graduação. Somando-se estas àquelas que concluíram o ensino fundamental, temos que 99,6% da nossa amostra (155 atletas) possui no mínimo oito anos de estudo formal.

Provavelmente, este alto grau de escolarização se dá pelo incentivo e facilidades que são fornecidos às atletas para estudarem: muitas equipes são patrocinadas por escolas e faculdades de suas cidades, as quais apóiam o esporte e fornecem bolsas de estudos para que as atletas possam seguir a sua escolarização; em troca disso, na época de torneios escolares e universitários, essas atletas compõem as equipes dessas instituições, as quais têm, no esporte, um de seus veículos mais fortes de propaganda institucional.

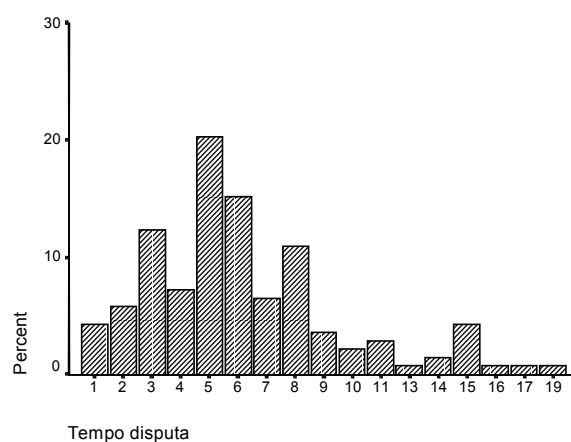
FIGURA 3: De acordo com a “Sinopse estatística do ensino regular no Brasil” de 1998, publicada pelo MEC/INEP, 5 anos é a média de escolarização da população brasileira. Dados disponíveis no site www.mec.gov.br



Escolaridade

Obtivemos 138 respostas (88,5% do total) à pergunta relacionada ao tempo de disputa da modalidade e observamos que, em média, essas atletas competem há 6,26 anos e que 70,4% destas (97 atletas) já atua em competições federadas há, no mínimo, cinco anos, o que indica um grau de experiência boa e ótima para essas atletas, principalmente se levarmos em consideração a sua média etária. A leitura do gráfico da FIGURA 4 nos indica que 48% desta amostragem (48 atletas), possui sete ou mais anos de prática federada da modalidade, o que BAYER (1974: 52) considera como um tempo ideal para a atleta adquirir excelentes condições técnicas, táticas e físicas para a prática do handebol.

FIGURA 4: Distribuição da amostra (%) por tempo de disputa da modalidade

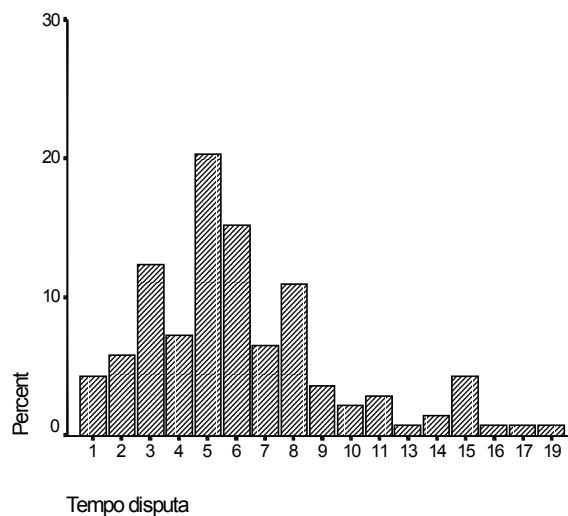


4 De acordo com a “Sinopse estatística do ensino regular no Brasil”, de 1998, publicada pelo MEC/INEP, 5 anos é a média de escolarização da população brasileira. Dados disponíveis no site www.mec.gov.br

O próximo item desta primeira parte do questionário refere-se ao tempo em que a atleta se encontra competindo por aquela equipe especificamente. Das 145 respostas (92,9% do total), que obtivemos, observamos que, em média, as atletas competem há 4,17 anos pela mesma equipe; porém, 26,9% (39 atletas) estão na equipe há apenas um ano. Por um lado, isto já indica um grau de mobilidade (contratações, transferências) na modalidade e, também, indica a existência de novas equipes formadas nesse período,

já preocupadas e em condições de disputar o alto nível na modalidade. Se tomarmos como base a média de atuação pela mesma equipe (@4 anos), veremos que um pouco mais da metade das atletas (50,4%, 73 atletas) está há três anos ou menos na mesma equipe, e um pouco menos da metade (49,6%, 72 atletas), se mantêm na mesma equipe há quatro anos ou mais. Isto indica novamente, uma mobilidade razoável na modalidade, com transferências e mudanças de equipes, e novas equipes surgindo.

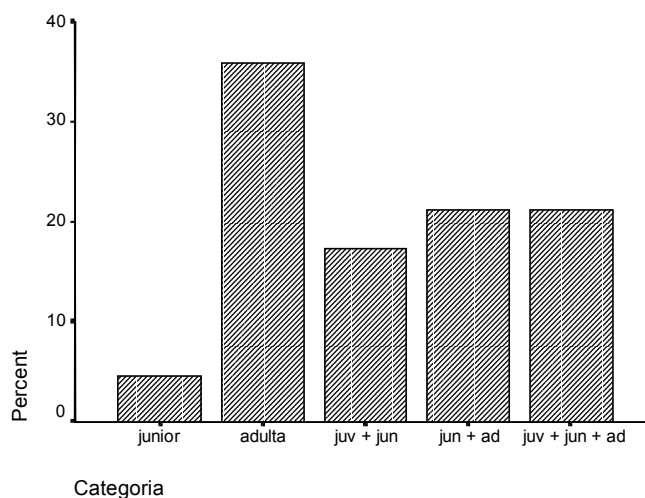
FIGURA 5: Distribuição da amostra (%) pelo tempo de permanência na atual equipe



Em relação às categorias em que essas atletas disputam, obtivemos 100% de respostas, nas quais podemos notar que uma grande parte de nossa amostra, 35,9% (56 atletas) já compete exclusivamente pela categoria adulta. Porém, somente sete atletas (4,5%) competem apenas na categoria júnior - isto apesar de termos recolhido metade da amostra em uma competição desta categoria. Por outro lado, temos 59,7% da amostra (93 atletas) competindo em duas ou três categorias, como mostra a FIGURA 6: 27 destas (17,3%) estão competindo nas categorias juvenil e júnior;

33 atletas (21,2%) estão disputando as categorias júnior e adulta e há outras 33 cuja idade lhes faculta a disputa nas categorias juvenil e júnior, e elas efetivamente competem nestas três categorias. Isto comprova alguns fatos muito corriqueiros no handebol brasileiro: a profissionalização precoce - atletas de categoria júnior e juvenil atuando já em categorias adultas - e o acúmulo de funções das atletas, que acabam jogando nos times correspondentes as suas idades (juvenil ou júnior, por exemplo) e também nas categorias mais avançadas (júnior e/ou adulta), enfrentando disputas com atletas de idade superior.

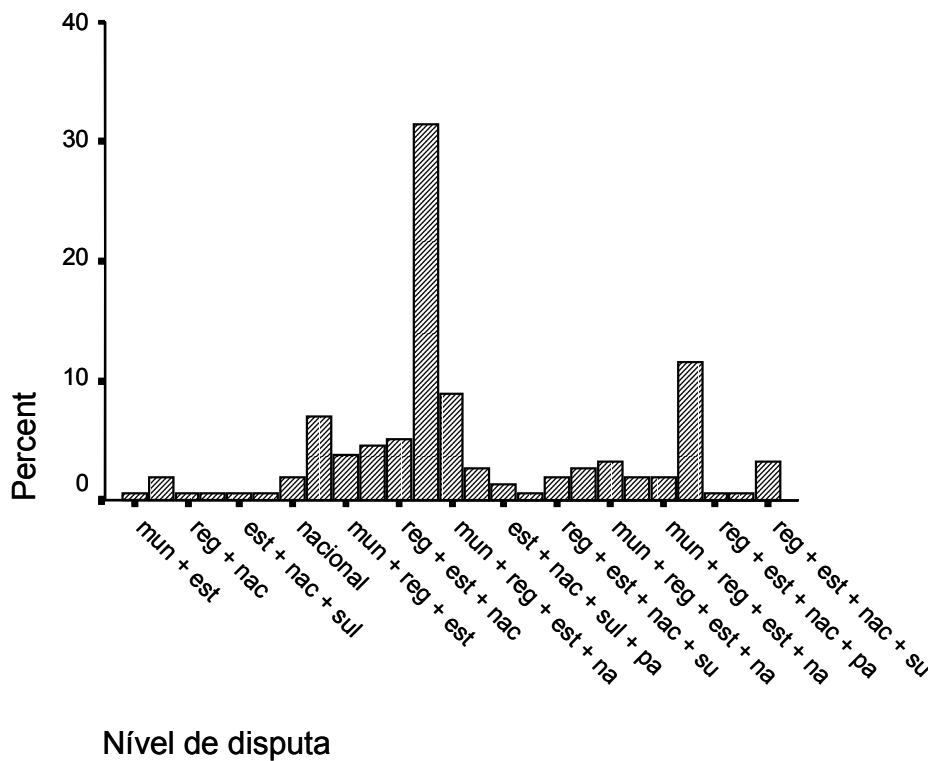
FIGURA 6 - Distribuição da amostra (%) por categorias de atuação



A FIGURA 7 aponta os diversos níveis geográficos de competição pelos quais as atletas de nossa amostra passaram. Pelos dados, podemos perceber que há um elevado índice de atletas no handebol de alto nível feminino,

no Brasil, que possui experiência internacional, pelo menos em nível sul-americano: 42,7% (67 atletas) já competiram ao menos nesse nível, sendo que 31 (20%) atletas competiram em nível pan-americano, e 41 atletas (26,4%) competiram em nível mundial.

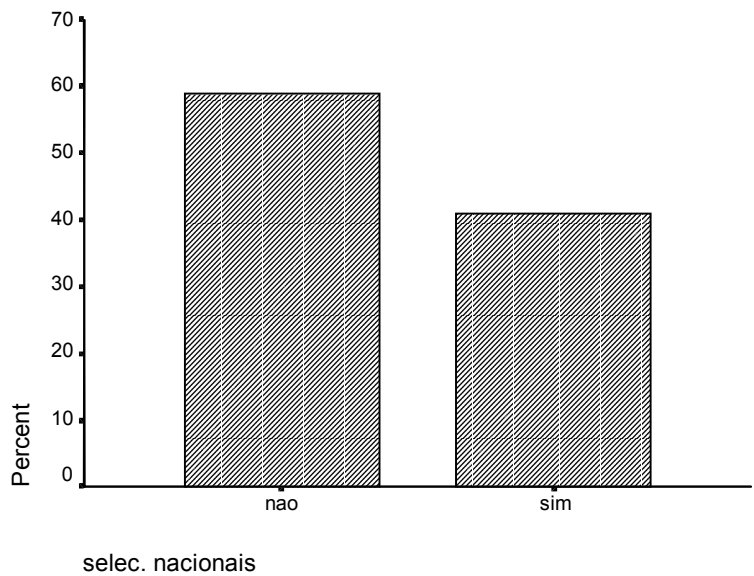
FIGURA 7: Distribuição da amostra (%) pelos níveis geográficos já disputados



A Figura 8 nos traz a participação das atletas em selecionados nacionais e nos mostra que 41% (64) das atletas que participaram desta pesquisa já participaram de al-

guma seleção brasileira em determinada categoria. Obviamente, essas atletas selecionáveis estão compondo as equipes de ponta do handebol brasileiro, que competem nacionalmente.

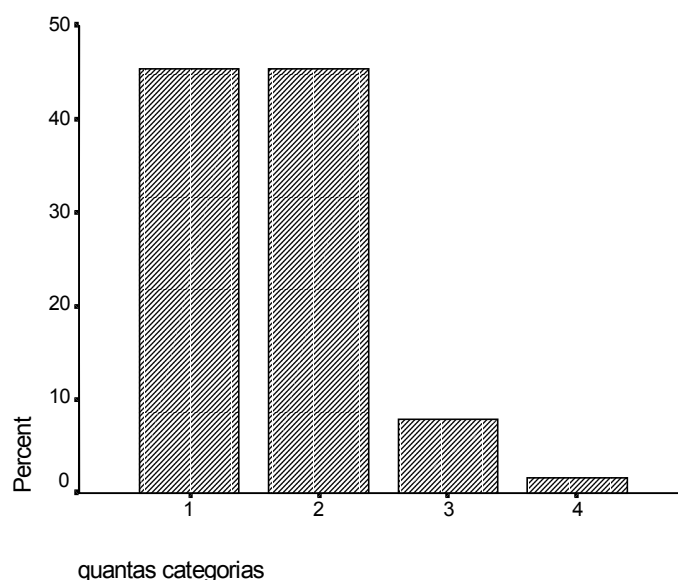
FIGURA 8: Distribuição da amostra (%) relativa à participação em selecionados nacionais



As 64 atletas que já participaram de seleções brasileiras encontram-se distribuídas da seguinte forma: são oito atletas (5,1% do total) que participaram de seleções somente na categoria cadete (até 16 anos); há quatro atletas (2,6% do total) que foram convocadas somente para a seleção juvenil (até 18 anos); sete atletas (4,5% do total) que participaram exclusivamente da seleção júnior (até 20 anos de idade) e 10 atletas (6,4% do total da amostra), que competiram apenas na seleção brasileira adulta (idade livre). Há 35 casos em que a atleta foi convocada para seleções nacio-

nais em duas ou mais categorias: temos sete (4,5%) que já participaram de seleções nas categorias cadete e juvenil; outras sete que foram convocadas e competiram pelas seleções das categorias juvenil e júnior; 11 das atletas de nossa amostra (7,1% do total) atuaram na seleção brasileira, nas categorias júnior e principal; temos quatro casos (2,6% do total) de atletas que já competiram em três categorias (juvenil, júnior e principal) por seleções brasileiras e um único caso (0,6% do total) de uma 'craque', que sempre foi convocada e competiu pela seleção brasileira em todas as categorias em que isso é possível.

FIGURA 9: Distribuição da amostra (%) pelo número de categorias em que a atleta participou de seleções brasileiras



6. Conclusões e recomendações

A partir dos dados obtidos, percebe-se, em primeiro lugar, que o handebol jogado por mulheres no Brasil é muito intenso - na dita "elite" da modalidade, no país há quase 160 atletas, as quais participam de seleções em diversas faixas etárias, a partir já dos 14 anos, disputam campeonatos nas mais diversas regiões e competem muito entre si.

Mais uma vez, algo que ressalta de nossa amostra é que a modalidade vem sendo disputada por atletas bem jovens, com média de idade próxima aos 20 anos. Este dado possui seu lado positivo, pois, se conseguirem dar sequência as suas carreiras esportivas, essas atletas ainda estarão em atuação durante um longo tempo, pelo menos mais uma década; a outra face deste dado revela a pergunta: "onde estão as atletas com mais idade?". Se apenas oito atletas (5,8% do total da amostra) possuem mais de 30 anos, é sinal de que as mais "velhas" não estão mais competindo, já abandonaram - e será necessário um grande esforço, das próprias atletas e dos dirigentes e técnicos, para manter em atuação aquelas que hoje, próximas dos 20 anos, compõem o primeiro escalão do handebol feminino no país. Permanecer em atuação neste alto nível significa manter uma condi-

ção técnica e física que, aliada à experiência da idade, possa aumentar a qualidade da elite nacional feminina da modalidade. Seria interessante, até, um estudo prospectivo de como está a carreira esportiva, e o que aconteceu com aquelas atletas que, nos anos 80 e início da década de 90, tomaram parte do primeiro pelotão nacional da modalidade. Conhecendo os fatores que as fizeram abandonar o handebol, podem ser criados programas para evitar ou diminuir, as dificuldades encontradas.

Percebe-se, também, através dos dados da amostra, que a maioria (70,4%) das atletas que competem o alto nível da modalidade, mesmo com uma média etária baixa, já disputam o handebol há pelo menos cinco anos, tempo este indicado pela literatura internacional como excelente para a aquisição de ótimas condições de jogo - técnicas, táticas, físicas. Daí algumas inferências podem ser feitas: em primeiro lugar, se a própria literatura indica que este tempo é mais que suficiente para se adquirir uma capacidade ótima de jogo, e se deste grupo de elite entrevistado sai a grande maioria das atletas para os selecionados brasileiros, pode-se perguntar o que tem ocorrido nesse tempo de treinamento, que essas atletas não têm adquirido essas condições "excelentes", em nível tático, técnico ou físico. O questionamento é feito, pois nas mais recentes competi-

ções mundiais o Brasil continua sem obter destaque na modalidade. Em segundo lugar, nota-se que o handebol é uma modalidade que muitas vezes tem sido iniciada na adolescência, por volta de 14/15 anos de idade (as atletas têm média de 20 anos e jogam há, em média, 5 anos); promover programas de iniciação em todo o país (através de, entre outros, projetos de mini-handebol que facilitem a integração e o aprendizado dos princípios básicos da modalidade) que diminuam essa idade de começo da prática pode ser uma das soluções para aumentar o tempo de prática das atletas para melhor prepará-las a atingirem o alto nível.

Por fim, estes dados também apontam para um alto grau de escolarização das atletas da amostra - 64,1% delas possui pelo menos o ensino médio completo, o que implica ter freqüentado, no mínimo, 11 anos a escola - contra 5 anos da média da população brasileira. Se a suposição feita anteriormente estiver correta, isto é, se essas atletas tiveram incentivo para estudar, pelo fato de jogarem handebol, e através da atuação esportiva ajudarem no marketing de suas escolas e instituições, este é um modelo que precisa ser mais estudado e compreendido, para que, ampliada, essa ajuda mútua entre escola, atletas-estudantes e modalidade esportiva cresça e se torne um pilar de crescimento do nível esportivo e educacional no Brasil.

Bibliografia

1. BAUMGARTER, T.; JACKSON, A. *Measurement for evaluation in physical education and exercise science*. Wisconsin, Brown & Benchmark, 1982.
2. BAYER, C. *La pratique du hand - ball et son approche psycho-sociale*. Paris, J.Vrin, 1974.
3. CREFF, A.F.; CANU, M.F. *La femme et les sports*. Paris, Masson, 1982.
4. DOUDLAH, A.M. The relationship between the *self* - concept, the body - image, and the mouvement - concept of college women with low and average motor ability. Greensboro, 1962. 179p. Thesis (Master) - University of North Carolina at Greensboro.
5. KNIJNIK, J. D. Ser é ser percebido: uma radiografia da imagem corporal das atletas de handebol de alto nível no Brasil. São Paulo, 2001, 109 p. Dissertação (Mestrado). Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo.